

FMI quer esperar o novo presidente

Fechamento do acordo só deve sair em janeiro

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, convidou um grupo de autoridades latino-americanas para jantar na quinta-feira passada no luxuoso salão do próprio prédio do Fundo, que costuma impressionar os visitantes pela suntuosidade dos seus candelabros. Entre piadas para descontrair o grupo, Camdessus deu um recado no seu discurso: "Dívida é para ser paga, mas hoje o Fundo está aberto para discutir em que condições ela deve ser paga." Seu subordinado, Sterie Bessa, que ocupa o cargo de diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental da instituição, deu uma informação ainda mais importante aos seus companheiros de mesa: o FMI só quer fechar um acordo com o Brasil em janeiro,

quando já for conhecido o vencedor das eleições. Ele deixou claro que não haverá acordo por enquanto.

O representante brasileiro no jantar, o inevitável Alexandre Kafka, que cuida dos interesses do Brasil no FMI há trinta anos, repetiu que ainda tem esperanças. Arredio à imprensa e com seu corpo magro e curvado, ele tem um ar um pouco sinistro. Mas seu maior mistério é sobreviver a todas as mudanças de governo que ocorrem no Brasil.

Esgrimindo um espanhol da Espanha, Camdessus falou por uma hora sobre os novos tempos das relações entre credores e devedores. Mesmo exibindo simpatia para seus 40 convidados, ele não dispensou o pequeno púlpito em que costuma usar em seus discursos. Lá alternou recados sérios e pequenas brincadeiras. Disse que o FMI é o "bode expiatório máximo" na América Latina. Na platéia estavam o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias, o ex-ministro mexicano Jesus Herzog e representantes de vários paí-

ses latino-americanos que estavam em Washington participando de um seminário promovido pelo BID. Os economistas brasileiros Pedro Malan, do Banco Mundial, e Edmar Bacha, da PUC do Rio, só não foram porque não quiseram. Estavam convidados.

Quem esteve acha que a noite foi imperdível e não só pelo mil-folhas de *champignon* silvestre, pelo *suprême* de salmão canadense, ou pelo *charlotte* de pêras. O melhor prato da noite foi a possibilidade de se conhecer o pensamento dos credores a respeito da questão da dívida. Numa das duas mesas em que se dividiram os comensais, Sterie Bessa não se cansava de elogiar a Argentina. Aliás, no almoço promovido nesta mesma quinta-feira no seminário falou o poderoso subsecretário do Tesouro, David Mulford, que fez, de público, rasgados elogios à Argentina e ao México. Bessa confidenciou que está para sair um empréstimo para o governo Carlos Menem de US\$ 900 milhões.

Camdessus explicou que, na sua opinião, o tempo do confronto pas-

sou. Ele acha que esta definição foi feita em 1985, quando fracassou a reunião de Havana, em que o primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, tentou formar uma aliança dos devedores em que fez água o plano do presidente Alan García, do Peru, de estabelecer um teto para os juros.

O diretor-gerente do Fundo disse que está se fazendo agora uma revolução silenciosa na terra dos endividados, e em quatro campos: fiscal, cambial, político e setor público. No primeiro está ficando claro que é inevitável um corte de gastos. No segundo, também é evidente que o câmbio deve se manter realista. E deu duas alfinetadas nos devedores favoritos: México e Argentina estão com pequenas defasagens cambiais.

A revolução na área política, na opinião de Camdessus, é que já não é considerada ortodoxa a ideia de que os gastos precisam ser cortados. O último ponto desta revolução é a necessidade de se reorganizar o Estado em todos os países devedores. (M.L.)